

Todos os processos de percepção e cognição acontecem em mim, mas aonde?

No meu corpo?

No meu cérebro?

Na minha mente?

Se a mente não está localizada no meu corpo, como eu chego nela? Sabemos que mente não é cérebro, porque ele é um equipamento auxiliador, então como as informações ganham corpo em meu cérebro. Como elas se materializam em mim?

Para podermos entender essa relação corpo-mente-cérebro, teremos que voltar no tempo quando cientistas dessecavam e fragmentavam o corpo humano procurando assim o que não se conhecia para poder ser entendido. Buscavam por uma conquista de territórios novos de novos funcionamentos, através de tecnologias que proporcionavam a busca do vital, o self. Essa busca fragmentaria para conhecer é da pré-renascença, é o conquistar o novo para compreender. Foucault também fala que a questão do poder é saber como. O melhor conhecimento é o que se organiza com a idéia de separação e que nos referimos ao dentro e fora do nosso corpo como uma embalagem. Mas se tal é verdadeiro quem organizou o nosso dentro? Seja quem for, o fez de maneira majestosa e, portanto pensamos em um ser superior-nosso criador e dono. Nosso interior é pessoal e intransferível, resultando assim na idéia de personalidade privada. Então podemos dizer que ver é conquistar e conhecer. Mas esquecemos que nosso exterior e interior sofrem influencias do que vivemos, comemos, e fazemos. Existe uma fronteira tênue que não limita e nem aprisiona, só contém. Mesmo porque pelos sentidos: olhos, olfato, tato, visão e paladar, são feitos as relações entre o dentro e o fora. Com Aristóteles o corpo ganha uma idéia de unidade na correspondência do dentro e o fora. Com os avanços tecnológicos, a medicina aprimora o conhecimento do corpo, cada vez mais se conhece o corpo em partes e partes cada vez menores, esquecendo-se do todo e do Eu desse corpo.

Os estudiosos da cognição estão preocupados em entender esse Eu e como a informação se fixa em nosso corpo. Para isso buscaram a teoria da evolução do homem e assim puderam afirmar que a informação também é evolutiva. Nosso olhar para o novo já vem carregado de informações, nunca recebemos uma informação sem estarmos usando nossa capacidade de raciocínio já adquirida. Com a teoria semiótica o processo é sempre olhar um objeto em fluxo constante, não se esquecendo que sempre há o contágio, com a imagem de uma rede, portanto não se sabe onde a coisa acontece. Essa metáfora é a idéia da contaminação e infecção, produzindo um outro interpretante. Se pensarmos como uma infecção viral essa manifestação seria o ícone. O signo se hospeda no interpretante que se prepara para uma co produção em fluxo aberto

Por esse caminho procuramos entender e descrever as formas do raciocínio, através de símbolos que vão se transformando em outros símbolos. Sempre em fluxo contínuo, contaminando e disseminando a informação nos nós das redes neurais em fluxo contínuo de aquis e agoras, lapsos do tempo real que representam o tempo já passado.

O processo evolutivo, o pensar sobre o pensar cria símbolos e o sistema cognitivo modifica nosso corpo que tem um cérebro separado e funcionando em tempo real. Uma máquina que na relação com o ambiente se modifica. Como?

Deacon não acredita na linguagem em relativismo e na linguagem inata. Ele não acredita que a linguagem emergiu como consequência genética do grau de inteligência surgido com a expansão do cérebro dominante. Ele acredita que foi uma consequência natural da necessidade simbólica da linguagem e para demonstrar isso ele se utiliza os princípios genéticos de Conrad Waddington e a teoria evolucionista de James Baldwinian do século IXX. Essa junção de teorias consiste em possibilidades postas em pratica comum de um comportamento flexível que se adapta e se permite a nova mudança de características genética, portanto a co evolução consiste em uma espécie de interação mutua entre a linguagem e o cérebro humano. O desenvolvimento do cérebro se deu pela linguagem e a criação simbólica que essa linguagem possibilita. Essa facilidade em simbolizar foi se internalizando geneticamente em nosso cérebro com o passar do tempo. Criando assim uma lingua-

gem em feed back.

A hipótese de Deacon é muito delicada para ser aceita de imediato, porque ele afirma que o processo de usar palavras traz mudanças físicas. O não físico mexe no físico. Ele afirma que o comportamento de um sujeito resulta em modificações no corpo desse sujeito. Deacon chama atenção para essa proposta que toca no lugar mais delicado da semiótica, isto é como se dá à passagem dos índices para símbolos. Para isso se apóia nos conceitos de Baldwinian que também pesquisa sobre o aprendizado, a evolução e o comportamento. Ele conclui que a habilidade de aprender e flexibilizar o comportamento, isto é, não responder por reação repetitiva, mas com um cérebro humano que flexibiliza os comportamentos. Para ele é isso que nos permite modificar o contexto no qual estamos imersos. Essa modificação interfere também no natural do ambiente e nos devolve modificações de habilidades em nosso corpo. Como o comportamento modifica a evolução de uma espécie é claro que isso exige anos e anos de evolução, essa modificação não é imediata, e não se dá de geração para geração. Para Chomsky isso é inato, mas para Deacon é o contrário, surgiu com o comportamento do homem. Se admitirmos, conforme Chomsky, que nascemos com essa habilidade seria como se tivéssemos um programa embutido para lermos o mundo previamente programado e não como Deacon que afirma que as coisas são apreendidas. Portanto concluímos que a linguagem inata limita o sujeito de ler o mundo. E percebemos que o mundo esta sendo construído à medida que evoluímos.

Os instrumentos que o corpo faz ou desenvolve (computador) quando deixam de ser indexial, indo além, ganhando uma estrutura simbólica deixando de ser ação/ reação, estão fazendo a passagem para algo que tenha outro código de existência. Nesse momento o objeto ganha uma função simbólica e ganha estrutura evolutiva. As hipóteses de como e quando isso acontece, como podemos explicar? Deacon afirma que isso acontece porque nossa existência em um contexto faz com que nosso comportamento nesse contexto produza modificações de tal ordem que implicam em uma organização material.

E para isso estar incluído no nosso DNA vai ser preciso que isso se transforme em uma lei do corpo, deixando de ser uma regra para um pequeno grupo. Dentro desse pensamento está o Projeto Genoma, que

é tentar mexer na lei do corpo humano, modificando a estrutura do homem.

O que é a idéia da cognição situada?

A cognição é dinâmica e estudada pelo viés do dinamicismo com base em teóricos e cientistas como Maturama, Harnad e outros. Portanto o processo cognitivo é ação e em tempo presente Os cientistas que estudam a teoria do dinamicismo afirmam que a cognição situada não é algo ou alguém que esta no ambiente, tem que ser fortemente interativo e estar em tempo real. É uma discussão do tempo real. É uma representação que ocorre no cérebro, não é ter uma representação de um agente é um processo de pensamento. Categorização com o processo. Não é eu crio, porque só tem sentido no fluxo, nada se processa sozinho e sim no ambiente, ela é uma investigação no processo de aprendizado que se dá com a relação com o outro, não é só a pessoa consigo mesmo e sim com o outro que está lá.

O corpo ensina que as informações não têm lugar, só tem conexões. O dentro e fora são a mesma coisa, a informação é apreendida por conexões que vão estruturando o raciocínio. Nosso corpo é muito claro, a rede de funcionamento neural é onde a informação se realiza, por meio de conexões e dependem de como essa rede está montada. Nunca dá para se dispensar uma parte do nosso sistema neural, tudo faz parte e tudo é necessário. Com essa idéia começamos esclarecer o sistema de classificações do conhecimento.

Tudo é uma questão de relação com o meio de informação. À medida que se descobre o como, vai se dominando o meio. É sempre a relação que não permite uma separação.

Com esses conceitos podemos entender a relação da mente/ corpo e a tecnologia. Estamos em um fluxo constante nas relações de informações, em uma permuta evolutiva, que só agrega nunca se divide. É um somar de informação que se adapta e se transforma em nova informação. Não tem um lugar para esse processo em nosso corpo, é todo o conjunto de células, músculos, nervos, sentidos que recebem a informação e transmitem informação. Não existe uma hierarquia ou um lugar, mas existe um conjunto de elementos que recebem e percebem a informação, e a transmitem sempre com uma interferência ou novo referencial do sujeito interpretante, segundo a sua qualidade de

percepção.

Bibliografia:

- CLANCEY, Willian J. (1997) Situated Cognition on Human knowledge and Computer Representation, Cambridge University.
- CLARK, Andy (2001) indware, Na Introduction to the Philosophy of Cognitive Science. Introdução (pags 1-7) Cap. I Meat Machines: Mindware as Software(pags. 7-27), Cap.8 Cognitive Technology: Beyond the Naked Brain (pags. 140-159)
- DEACON, Terrence W. (1997) The Symbolic Species, The Co- evolution of language and the brain. Cap. 11: And the world became flesh, pags. 321-375/433-464- New York e Londres: W.W. Norton & Company
- STENBERG, Robert J. (2000)- Psicologia Cognitiva. Porto Ale